

João Paulo Campos¹

Resenha

**FRÚGOLI JR., HEITOR, SPAGGIARI, ENRICO E
ADERALDO, GUILHERMO.**

***PRÁTICAS, CONFLITOS, ESPAÇOS:
PESQUISAS EM ANTROPOLOGIA DA
CIDADE, RIO DE JANEIRO, ED. GRAMMA/
FAPESP, 2019.***

¹ Doutorando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo. Pesquisador associado ao Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (NAPEDRA-USP). E-mail: joaocampos@usp.br.

Em *Práticas, conflitos, espaços: Pesquisas em Antropologia da Cidade* temos um mosaico de reflexões embasadas em etnografias em diferentes contextos urbanos, com ênfase em São Paulo e Rio de Janeiro. As favelas e periferias são temas recorrentes, como salienta Heitor Frúgoli Jr. na introdução do volume e também signos da diferença nas cidades que servem de laboratório para os pesquisadores e pesquisadoras que contribuem na coetânea. Dessa forma, a desigualdade serviu de maneiras distintas em cada estudo de caso como referente da alteridade, balizando as discussões em torno do fenômeno urbano e seus desdobramentos. A coletânea de artigos é ligada à prolífica atividade do *Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade* (GEAC-USP), criado em 2005 e que se dedica a um destacado conjunto de atividades (cursos, textos, livros, materiais didáticos, etc.) ligadas ao estudo antropológico sobre cidades.

A coletânea nos oferece, portanto, capítulos contendo estudos detidos que apresentam as práticas espaciais na cidade como foco de pesquisa a partir de um diálogo entre diferentes marcos teóricos, a saber: a sociabilidade de origem simmeliniana; o conceito de situação da Escola de Manchester, o interacionismo simbólico de Goffman, as discussões sobre o direito a cidade de Lefebvre, a antropologia da cidade e a possibilidade de uma etnologia cidadina de Agier, para ficar com alguns exemplos. O que resulta dessa combinação? A princípio, encontramos redes de sociabilidades urbanas em que revelam significados sobre as cidades a partir de olhares investigativos atentos a contextos particulares ou situações sociais singulares. Com base nesses processos de pesquisa, os autores e autoras da coletânea chegam a conhecimentos urbanos relacionais, locais e micrológicos que tornam possível uma pluralidade de olhares em torno das cidades.

Começamos com o estudo de Daniel De Lucca que problematiza as urgências de São Paulo a partir do estudo de caso dos serviços de assistência social com a população de rua nas frentes frias. O autor focaliza a gestão do espaço urbano pelas intervenções assistencialistas e desenvolve a categoria de urgência no contexto trabalhado, afirmando que esta funda um tempo próprio que perturba o fluxo ordinário da vida social. Nota-se, a partir do que o autor desenvolve no artigo, que a urgência não é uma simples categoria, pois abarca uma pluralidade de sentidos e usos.

O capítulo de Jessica Sklair parte de sua pesquisa sobre a desigualdade em São Paulo a partir das práticas de filantropia privada em contextos de aproximação espacial entre pobreza e riqueza, com foco na região do Morumbi em São Paulo. O artigo parte de uma etnografia crítica das elites e afirma que a segregação urbana não é definida pela ausência de relações entre as classes sociais que habitam o espaço urbano, pois é produzida pela constante administração de relações entre os diferentes grupos deste espectro social. A pesquisa da autora descobriu, portanto, que a paisagem segregada é feita dessas relações e não de sua ausência.

O terceiro capítulo, de autoria de Inácio Dias de Andrade, discorre sobre a ocupação dos sem-teto no Pinheirinho, no município de São José dos Campos.

O artigo nos oferece uma leitura da luta social dos sem-teto e do processo de despejo desta população pelo poder público a partir da política habitacional do município que replicou em menor escala o processo de periferização da população pobre em marcha em grandes metrópoles. O autor se alinha à perspectiva de Agier que desloca o eixo da análise do urbano na direção dos modos de fazer a cidade. Nesse sentido, o autor parte das categorias nativas e focaliza as estratégias dos agentes sociais no sentido de se distanciar da ideia de favela para afirmar sua condição de bairro, o que se desdobra na afirmação de uma identidade ligada ao trabalhador em contraposição ao universo dos bandidos. O argumento do autor é que a demanda pelo direito a cidade é pautada pelo universo pessoal dos cidadãos, suas memórias e desejos.

O quarto capítulo, de autoria de Juliana Blasi Cunha, apresenta uma etnografia no contexto da implementação de políticas públicas em duas favelas cariocas vizinhas entre 2010 e 2014. Seu estudo demonstra como a identidade dos agentes sociais é vinculada a cada favela separadamente, mas também apresenta uma ambiguidade que funciona em resposta a situações políticas específicas. No caso em questão, a autora descreve como em momentos de crise uma identidade em comum entre os moradores das duas favelas é acionada, o que afirma sua dupla-face nesses momentos críticos, o que mostra como a relação entre os moradores das duas favelas em questão são mais complexas do que se poderia supor a princípio.

O capítulo de Natália Helou Fazzioni investiga o reduto da boemia carioca, a Lapa, a partir do recorte de microrregiões em que evitou-se generalizações sobre o bairro em questão, privilegiando um olhar atento a situações e narrativas de interlocutores. O foco da autora é a Rua Joaquim Silva e seus arredores, lugar marcado por cortiços, edifícios conjugados e distribuidoras de bebidas populares, onde habitam pessoas de baixa renda, se concentram os vendedores ambulantes ilegais e vendedores de drogas ilícitas. Trata-se de um espaço às margens da “revitalização” da Lapa que, no entanto, demonstra uma ligação com esse processo social. A autora nos mostra as disputas e negociações envolvendo músicos, camelôs locais e o poder público que revelam uma rede de lazer noturno e seus personagens. A apresentação das regiões pesquisadas auxilia na compreensão tanto das relações subjetivas entre as pessoas e o espaço da Lapa como na caracterização da região em si, oferecendo ao leitor aspectos relevantes da vida social neste local que se desdobram na ideia de que existem vários mundos no mesmo bairro.

Já o texto de Mayã Martins tem como foco os discursos sobre o projeto do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, que sustentam a perspectiva do embelezamento urbano do centro da cidade. Seus instrumentos metodológicos são variados, incluindo etnografia, sistematização de materiais da imprensa e gestão pública e análises das reuniões e eventos relacionados ao projeto em questão. Seu objetivo é compreender o simbolismo do espaço urbano influenciado por cidades estrangeiras em processos de transformação, com foco nas disputas simbólicas em torno do projeto que serve de corpus para seu estudo. O texto nos

mostra como a produção de “novas centralidades” é realizada pela reativação de interesses econômicos nessas regiões pelo poder público em parceria com a iniciativa privada, o que resulta em diversas arbitrariedades no que diz respeito à vida dos atuais habitantes das regiões embelezadas. Nesse processo, surgem conflitos envolvendo, por exemplo, a futuridade do projeto e o passado que propulsiona a identificação de grupos sociais ao espaço.

O capítulo de Julio Talhari focaliza os frequentadores da Pinacoteca de São Paulo, tomando a visita ao equipamento cultural como situação social a ser observada e descrita. O autor tem como objetivo entender a visita ao museu como formas de produzir a cidade. Trata-se da experiência micrológica da visita como reprodução da experiência urbana mais ampla. O autor demonstra, assim, que o espaço do museu é formado por relações sociais entre visitantes, extrapolando o espaço e tempo da interação com as obras de arte. Nessa jornada, o antropólogo desloca sua atenção para os detalhes da visita, tais quais as filas, multidões etc. Isso nos mostra como os museus são lugares em que a sociabilidade urbana também se faz presente, o que contradiz a narrativa pós-moderna que enxerga tais espaços como enclaves de consumo cultural ou mesmo como não-lugares. Os frequentadores do museu se tornam, portanto, cidadãos que contribuem para o processo constante de fazer a cidade.

O capítulo de Bruno Puccinelli lança um olhar em retrospecto para sua pesquisa de iniciação científica iluminada pelos desdobramentos de seus estudos no mestrado e doutorado. O texto analisa a sociabilidade entre “gays” no shopping Frei Caneca em São Paulo a partir de conversas com interlocutores e suas interações no espaço. A pesquisa refuta a existência de uma identidade gay unificada ao nos revelar os acionamentos de identidades em situações sociais concretas, nos mostrando os percursos de “barbies”, “ursos” e “mariconas loucas” no shopping center investigado.

O texto de Wesley Estradiote Rodrigues busca apreender os modos como fluxos migratórios são dotados de sentidos partindo de uma aldeia no nordeste de Portugal. A partir de um olhar aproximado, o autor oferece uma perspectiva etnográfica da migração entre aldeia e metrópole, assim como o retorno dos migrantes a terra natal. O foco do texto se dirige às formas de produção de fronteiras e os modos de mobilidade dos migrantes, assim como a construção de pertencimento e diferenciações entre seus interlocutores.

O capítulo seguinte, de Giancarlo Marques Carraro Machado analisa a prática do skate na cidade de São Paulo. Nele, o autor salienta que a circulação de skatistas pelo espaço urbano configura como uma forma cidadina de fazer a cidade a partir de suas próprias experiências, práticas e discursos. O antropólogo ainda nos mostra como uma política pública voltada para a disciplinarização dos skatistas oferece novas oportunidades de transgressão e sociabilidade entre os jovens esportistas que vivenciam o espaço urbano para além das formas hegemônicas de se conceber e circular na cidade.

O texto de Enrico Spaggiari focaliza a formação de jovens futebolistas das

categorias de base do Grêmio Botafogo de Guaianases, clube da zona leste da cidade de São Paulo. A etnografia de longa duração nos oferece detalhes preciosos das situações presenciadas pelo antropólogo, apresentando ao leitor uma narrativa que descreve a sensibilidade dos jovens esportistas e sua relação com diversos espaços da cidade, tais quais casas, campos de várzea, quadras de futsal e, por último e não menos importante, as ruas. Com isto, o autor afirma que a construção do saber futebolístico ocorre não apenas por situações extraordinárias, mas pela contínua e intensa participação no cotidiano citadino entre a várzea e a cidade. Os jovens e as crianças pesquisados pelo autor se relacionam com a cidade através do futebol e seus múltiplos atores sociais e contextos relacionais.

Finalizando, o último capítulo do livro apresenta uma reflexão sobre jovens realizadores audiovisuais de núcleos subalternizados. Diante da crescente demanda por imagens de contextos periféricos e do aumento de projetos de formação audiovisual por ONGs, os interlocutores do antropólogo Guilherme Aderaldo notaram a necessidade de formar imaginários e circuitos de circulação de imagens capazes de produzir reflexões críticas mais abrangentes do que aquelas comumente identificadas nos circuitos culturais e institucionais hegemônicos. O texto é baseado em pesquisa etnográfica realizada entre 2009 e 2013, na qual o autor procurou acompanhar a produção audiovisual de jovens realizadores vinculados a periferias urbanas na cidade de São Paulo que se organizaram em torno do Coletivo de Vídeo Popular (CVP). O foco do autor é o modo como esses atores se apropriavam das ferramentas audiovisuais como suporte intelectual capaz de produzir conexões sociais mais abrangentes, além de reflexões críticas sobre a desigualdade urbana. Nesse processo, os jovens realizadores desafiavam o imaginário do senso comum, que sustenta uma leitura rígida da fronteira entre centro e periferia, a partir de representações oficiais que distinguem quem pode e não pode viver na cidade. A etnografia demonstra, portanto, as formas de reimaginar a cidade e sua paisagem desigual. A cidade é apresentada, ao fim do texto, como um espaço marcado por disputas narrativas e epistêmicas e que não pode, portanto, ser reduzida às interpretações quantitativas e administrativas, vinculadas aos saberes normativos dominantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRÚGOLI JR., Heitor, SPAGGIARI, Enrico e ADERALDO, Guilherme. **Práticas, conflitos, espaços: pesquisas em antropologia da cidade**, Rio de Janeiro, Ed. Gramma/Fapesp, 2019.